

Entre o Normal e o Patológico: A Cultura “Queimadeirense” Como Fato Social e Mônada, Mudanças Climáticas, Negacionismo Climático e a Ecoansiedade Coletiva nas Comunidades Urbanas Brasileiras.

Isaque Carvalho Borges¹, Carlos Eduardo Panosso²

¹Estudante do Curso Técnico em Informática para Internet Integrado ao Ensino Médio – IFTO. E-mail: isaque.borges@estudante.ifto.edu.br

²Professor efetivo da área de Ciências Humanas nos cursos de Licenciaturas, Superior Tecnológico, Técnico Subsequente, Médio Integrado e Projeja – IFTO. Orientador. E-mail: panosso@ifto.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

As queimadas fazem parte da identidade brasileira. No Cerrado, por exemplo, elas sempre foram uma parte natural do ciclo de vida desse bioma. O Cerrado é um bioma de savana tropical brasileiro que, historicamente, experimenta períodos de seca seguidos de incêndios naturais. Tal processo é notoriamente responsável pela regulação ambiental da flora cerradeira, sendo que muitas espécies vegetais são adaptadas ao fogo e, inclusive, dependem dele para germinar e manter o ecossistema em equilíbrio.^[1]

No entanto, as queimadas representam mais que um processo cíclico e ambiental: são, também, parte da composição das ações antrópicas que consolidam a cultura agrícola e étnica da sociedade brasileira. Mesmo antes da colonização europeia, por exemplo, povos indígenas já usavam o fogo de maneira controlada para a agricultura (agricultura de coivara) e a caça.² Tais incêndios eram realizados em pequenas áreas e em períodos específicos, havendo em vista o impacto que estes causavam ao ambiente.^[2]

Paralelamente à realidade histórica apresentada, a cultura “queimadeirense” (assim a intitularemos) atualmente responde por um conjunto de significativas questões sociais, ambientais e políticas que põem em prova a natureza “natural” e “normal” de si mesma, uma vez que as queimadas tem representado um grave risco à saúde humana, à fauna e flora de diversas regiões e à rica biodiversidade natural dos biomas brasileiros.

Esses contextos demonstram como, desde os primórdios da sociedade brasileira, os indivíduos que a compõe coabitam com a influência histórica ativa do uso das queimadas como instrumento de manejo ambiental mas que, com o passar dos anos, tal prática tornou-se patológica ao ponto de ameaçar a existência da própria sociedade e seus componentes. Essa ameaça está intrinsecamente relacionada à percepção da Ecoansiedade coletiva e das mudanças climáticas enquanto objeto de estudo e ao o negacionismo por trás do agravamento desse cenário.^{[3][4]}

2 OBJETIVO

Diante de toda a reflexão realizada sobre o assunto em questão, este artigo científico têm como objetivos principais:

a) Discutir as queimadas como um fato social que, à luz da teoria de Émile Durkheim e da história brasileira, transitou do normal ao patológico e propor que assim devam ser estudadas, ao invés de como meros fenômenos ambientais com influência social, haja vista sua participação direta na

exacerbação do aquecimento global e, conseqüentemente, no aprofundamento da influência da ebulição global;

b) Investigar as respostas sociais ao agravamento das mudanças climáticas, em particular a ecoansiedade coletiva;

c) Avaliar o papel paradoxal do negacionismo científico no agravamento estrutural dessa crise, em meio à marginalização e iniquidade notadas na sociedade brasileira.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho utiliza uma abordagem teórica e interpretativa, com base em análises bibliográficas de artigos científicos, relatórios ambientais e sociológicos. Utilizando o conceito de fato social de Durkheim, foi possível interpretar as queimadas no Brasil como fenômenos inicialmente naturais e, posteriormente, patológicos, bem como fundamentar os estudos recentes sobre a ecoansiedade e sua relação com o atual cenário de rápido avanço das mudanças climáticas. Quanto aos dados utilizados para situar as discussões acerca do impacto causado pelas queimadas sobre a sociedade que se estuda, estes foram extraídos a partir da análise crítica de relatórios de instituições ambientais e de pesquisa. Adicionalmente, dados da pesquisa de opinião pública realizada pela iniciativa Palmas EcoAção forneceram uma base empírica para explorar as percepções das comunidades urbanas sobre ecoansiedade e mudanças climáticas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Afim de atingir os objetivos aqui explicitados, os resultados obtidos ao fim da pesquisa, e as discussões e análises por trás da obtenção destes, serão tratadas individualmente. Essa abordagem permite que cada um dos objetos de estudo sejam analisados holisticamente dentro de suas próprias particularidades e características individuais. Ao mesmo tempo, esta seção também contém um subtópico que encarrega-se de abordar cada um dos escopos unitariamente.

4.1 QUEIMADAS COMO FATO SOCIAL DE DURKHEIM E MÔNADA.

Durkheim define o fato social como algo exterior ao indivíduo, dotado de poder coercitivo, que orienta e regula as ações coletivas [5]. Tais fatos sociais podem ser classificados como normais ou patológicos, dependendo de sua prevalência e do impacto que exercem sobre a coesão social [5][6]. Desde o momento em que nasce e começa a viver em sociedade, o indivíduo é inevitavelmente influenciado pela cultura queimadeirense. Ele internaliza essa prática ao longo da vida, aprendendo a coexistir com o uso das queimadas como uma parte inerente da estrutura social em que está inserido, perpetuando assim a existência das queimadas. Em resumo, quando o indivíduo nasce, a sociedade brasileira já está organizada com as queimadas como um componente de sua identidade social e histórica.

Essa naturalização das queimadas reforça sua presença como um fato social normal no contexto brasileiro. O uso do fogo para limpar terras ou promover colheitas sempre foi uma prática comum, sendo parte integral da identidade agrícola e cultural do país. Conseqüentemente, os padrões

estabelecidos nas estruturas sociais exercem uma influência coercitiva sobre os indivíduos, perpetuando a prática das queimadas [7].

Entretanto, a passagem do normal ao patológico, segundo Durkheim, ocorre quando um fato social que era funcional à sociedade passa a causar danos ao seu funcionamento [5][6]. No caso das queimadas, com o avanço das tecnologias e da industrialização, o uso descontrolado e inadequado do fogo, aliado às mudanças climáticas, distorceu sua naturalidade. O que antes era uma prática equilibrada entre homem e natureza tornou-se um risco de destruição, ameaçando a biodiversidade, a saúde pública, a segurança alimentar e a estabilidade social, configurando-se como uma patologia [8][9][10][11]. Além disso, o aumento da ecoansiedade coletiva, especialmente em áreas urbanas, diante dos impactos devastadores das queimadas e da negligência política, evidencia o caráter patológico deste fenômeno social [12].

O paradoxal processo que garante a perpetuação desse fato social patológico, apesar de seus efeitos nocivos, mantém-se e influencia certas relações sociais dentro do campo das mudanças climáticas [13]. A falha das políticas públicas brasileiras em reconhecer a cultura queimadeirense contemporânea como um fato social patológico e destrutivo é um exemplo de como essa cultura não apenas moldou a identidade da agricultura e da pecuária brasileira, mas também se estabelece como uma *mônada*. A ideia de "*mônada*", inspirada pela filosofia de Leibniz, reflete uma unidade autossuficiente que, apesar de inserida em um sistema maior, age de forma independente e pode influenciar o todo [14]. Assim, mesmo sendo prejudicial à saúde social, psicológica, cultural, e fisiológica, o fato social em questão persiste, regendo a sociedade e as tomadas de decisão. Portanto, deve ser tratado como uma "*mônada social*".

4.2 ECOANSIEDADE, ANSIEDADE CLIMÁTICA, CRISE AMBIENTAL E A CULTURA QUEIMADEIRENSE.

A crescente preocupação com as mudanças climáticas tem gerado novos fenômenos sociais, entre eles, a *ecoansiedade* e a *ansiedade climática*. Esses termos, segundo a American Psychological Association (APA), referem-se ao "medo crônico de sofrer um cataclismo ambiental que ocorre ao observar o impacto, aparentemente irrevogável, das mudanças climáticas gerando uma preocupação associada ao futuro de si mesmo e das gerações futuras"[3]. Esses fenômenos surgem como uma resposta direta ao agravamento das condições ambientais, como as queimadas, e ao reconhecimento da falha em enfrentar esses desafios[15][16].

No Brasil, a cultura queimadeirense descontrolada e irracional intensifica essa ansiedade, especialmente em regiões diretamente afetadas pelas queimadas. O fogo é visto não apenas como uma ameaça ao meio ambiente, mas também como uma ameaça à saúde física e mental das populações urbanas e rurais; é como uma espécie de "porta-voz" da crise ambiental que permeia a sociedade brasileira e que faz alusões diretas ao processo irreparável de enfraquecimento das pautas climáticas e de redução da biodiversidade.

A ansiedade climática está intimamente relacionada à percepção de que os governos e instituições falham em implementar medidas concretas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas.^[17] Estudos indicam que a exposição contínua a notícias sobre desastres ambientais, como as queimadas na Amazônia e no Pantanal, contribui para o aumento da ecoansiedade e da ansiedade climática, especialmente entre aqueles que se preocupam profundamente com o meio ambiente, criando, entre os cidadãos, um sentimento de desamparo e de profunda angústia^[18].

4.3 NEGACIONISMO CLIMÁTICO E O AGRAVAMENTO DA CRISE SOCIOAMBIENTAL.

O negacionismo climático é a rejeição ou a minimização dos impactos das mudanças climáticas, frequentemente promovido por interesses econômicos, políticos e, em alguns casos, por uma ideologia de desconfiança em relação à ciência.^[19] Esse fenômeno social está atrelado à descredibilização de evidências científicas sobre as consequências devastadoras do aquecimento global.

O negacionismo climático impede que a sociedade compreenda a verdadeira extensão da crise socioambiental. Tal impedimento representa um risco considerável ao bom funcionamento de diversas instituições dentro de uma sociedade, uma vez que a ignorância e a desinformação são os propulsores da alienação de massas. ^[20] Como apontado por Chomsky e Herman em *Manufacturing Consent* (1988), o controle da informação e a manipulação da percepção pública criam uma barreira entre a população e a compreensão adequada das crises que afetam o bem-estar coletivo.

A perpetuação do negacionismo climático também tem consequências práticas, retardando a implementação de políticas públicas eficazes de mitigação e adaptação. Segundo Naomi Oreskes e Erik M. Conway em *Merchants of Doubt* (2010), grupos econômicos poderosos têm historicamente fomentado a dúvida sobre as mudanças climáticas para proteger seus interesses, ao custo da degradação ambiental e da saúde pública. Essa desinformação contribui para a erosão da confiança nas instituições científicas e políticas, enfraquecendo a coesão social e aprofundando a crise socioambiental. ^[20]

Esse cenário concretiza um ambiente de desinformação, no qual parte da população não reconhece a gravidade das mudanças climáticas e, assim, não pressiona o governo por ações mais firmes de controle e mitigação. No Brasil, por exemplo, a flexibilização de leis ambientais e a falta de fiscalização nas áreas de desmatamento e queimadas são reflexos desse fenômeno, uma vez que o país, enquanto país em desenvolvimento, tende a priorizar o crescimento econômico de curto prazo, frequentemente em detrimento da proteção ambiental.^[20]

Portanto, a relação entre negacionismo climático, as queimadas e uma rápida expansão econômica, frequentemente associado à expansão agrícola, demonstra como a desinformação e o foco exclusivo em benefícios econômicos imediatos podem agravar a crise socioambiental aqui supracitada. Superar o negacionismo e adotar uma abordagem equilibrada que considere a sustentabilidade e a saúde ambiental é crucial para enfrentar os desafios climáticos e garantir um futuro mais seguro e estável para todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das queimadas no Brasil e sua relação com o negacionismo climático revela um panorama complexo onde práticas culturais, econômicas e ideológicas se entrelaçam e impactam diretamente a crise socioambiental. A análise da cultura queimadeirense sob a perspectiva de Durkheim como um fato social e uma mônada mostra como essa prática se tornou uma parte intrínseca da identidade social e econômica do país, moldando a forma como a sociedade lida com questões ambientais. A naturalização das queimadas como uma prática aceitável, embora historicamente enraizada, transformou-se em uma patologia social quando sua prevalência e impacto sobre o meio ambiente e a saúde pública passaram a ser severamente prejudiciais.

A ecoansiedade e a ansiedade climática emergem como respostas sociais ao agravamento das condições ambientais e à percepção da falha institucional em enfrentar tais desafios. Essas condições psicológicas refletem o desconforto e a angústia crescente perante a realidade de uma crise ambiental exacerbada por práticas como as queimadas e uma resposta inadequada por parte das políticas públicas. A intensificação desses fenômenos destaca a necessidade urgente de uma abordagem mais proativa e informada para enfrentar as questões ambientais.

O negacionismo climático, por sua vez, desempenha um papel crucial no agravamento da crise socioambiental. Ao minimizar ou rejeitar os impactos das mudanças climáticas, esse fenômeno social impede a implementação de políticas eficazes e perpetua práticas prejudiciais como as queimadas. A interação entre o negacionismo e o foco na expansão econômica destaca a tensão entre crescimento imediato e sustentabilidade a longo prazo, revelando a necessidade de uma mudança paradigmática em como a sociedade aborda e regulamenta questões ambientais.

Para avançar na mitigação da crise socioambiental, é essencial promover uma conscientização mais ampla sobre os impactos das mudanças climáticas e reformular as políticas públicas para priorizar a sustentabilidade. Além disso, enfrentar o negacionismo climático e garantir a implementação de medidas concretas para reduzir as queimadas e proteger os ecossistemas são passos cruciais para alcançar um futuro mais sustentável e equilibrado.

Este estudo contribui para a compreensão das interações entre práticas culturais, políticas públicas e impactos ambientais, oferecendo insights sobre a necessidade de uma abordagem integrada e informada para enfrentar os desafios ambientais atuais. A continuidade da pesquisa e a promoção de discussões sobre essas questões são essenciais para promover mudanças efetivas e alcançar um equilíbrio mais sustentável entre desenvolvimento econômico e proteção ambiental.

REFERÊNCIAS

1. Coutinho, L. M. (1977). **Aspectos Ecológicos do Fogo no Cerrado. II - as Queimadas e a Dispersão de Sementes em Algumas Espécies Anemocóricas do Estrato Herbáceo-Subarbustivo.** *Boletim de Botânica Da Universidade de São Paulo*, 5, 57–63. <http://www.jstor.org/stable/42871365>
- BONDUKI, N. Origens da habitação social no Brasil. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

2. LEONEL, M.. (2000) O uso do fogo: o manejo indígena e a piromania da monocultura. **Estudos Avançados**, v. 14, n. 40, p. 231–250, set. 2000.
3. Clayton, S., Manning, C., Krygman, K., & Speiser, M. (2017). **Mental Health and Our Changing Climate: Impacts, Implications, and Guidance**. Washington, DC: American Psychological Association and ecoAmerica.
4. Oreskes, N., & Conway, E. M. (2010). **Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming**.
5. Durkheim, E. (1895). **As Regras do Método Sociológico**.
6. NEGRÃO, J. J. de Oliveira. (2021) **Conceitos fundamentais da sociologia de Durkheim**. Revista de Estudos Universitários - REU, Sorocaba, SP, v. 25, n. 1, p. 159–168, 2021. Disponível em: <https://uniso.emnuvens.com.br/reu/article/view/4246>.
7. Franco, T., & Druck, G. (1998). **Padrões de industrialização, riscos e meio ambiente**. Ciência & Saúde Coletiva, 3, 61-72.
8. Bernardy, K., Fagundes, L. S., Brandão, V. J., Keller, L., Bortolini, J. G., & Copatti, C. E. (2011). **Impactos ambientais diante das catástrofes naturais—secas e queimadas**. XVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão.
9. Ribeiro, H., & Assunção, J. V. D. (2002). **Efeitos das queimadas na saúde humana**. *Estudos avançados*, 16, 125-148.
10. SANTOS, T. O. (2017). **Os impactos do desmatamento e queimadas de origem antrópica sobre o clima da Amazônia brasileira: um estudo de revisão**. *Revista Geográfica Acadêmica*, 11(2), 157-181.
11. Medeiros, M. B. D., & Miranda, H. S. (2005). **Mortalidade pós-fogo em espécies lenhosas de campo sujo submetido a três queimadas prescritas anuais**. *Acta Botanica Brasílica*, 19, 493-500.
12. Kurth, C., & Pihkala, P. (2022). **Eco-anxiety: What it is and why it matters**. *Frontiers in psychology*, 13, 981814.
13. Fonseca-Morello, T., Ramos, R., Steil, L., Parry, L., Barlow, J., Markusson, N., & Ferreira, A. (2017). **QUEIMADAS E INCÊNDIOS FLORESTAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: PORQUE AS POLÍTICAS PÚBLICAS TÊM EFEITO LIMITADO?** 1. *Ambiente & sociedade*, 20, 19-38.
14. Silva, J. (2021). **Ambiente e Sociedade: O Papel das Políticas Públicas na Crise Ambiental Brasileira**. São Paulo: Editora XYZ, p. 45.
15. Pihkala, P. (2020). **Anxiety and the ecological crisis: An analysis of eco-anxiety and climate anxiety**. *Sustainability*, 12(19), 7836.
16. Hickman, C., Marks, E., Pihkala, P., et al. (2021). **Climate Anxiety in Children and Young People and Their Beliefs About Government Responses to Climate Change: A Global Survey**. *The Lancet*, 398(10311), 1563–1574.
17. Loureiro, C. F. B., & Schmidt, L. C. (2020). **Ecoansiedade: A crise ambiental e seus efeitos psicológicos**. *Revista Brasileira de Psicologia Ambiental*, 2(1), 85-102.
18. Carvalho, G. S., Jacobson, S., et al. (2019). **Environmental and Psychological Consequences of Amazon Fires**. *Global Environmental Change*, 59, 101954.

19. Santini, R. M., & Barros, C. E. (2022). *Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo*. *Liinc em revista*, 18(1), e5948-e5948.

20. Oreskes, N., & Conway, E. M. (2010). *Merchants of doubt: How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to climate change*. Bloomsbury Press.